

DOM FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES: UM ESTILO DE SER PASTOR

Introdução

Era fim de Janeiro, tempo ventoso e frigidíssimo [...] salteou-os uma chuva fria e importuna que não os largou na maior parte da jornada, e corria um vento agudo e desabrigado que os congelava [...] Ofereceu-se então à vista do Arcebispo, não muito longe do caminho, posto sobre um penedo alto e descoberto ao vento e à chuva, um menino pobre e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longe andavam pastando; notou o Arcebispo, a estância, o tempo, a idade, o vestido, a paciência do pobrezinho, e viu juntamente que, ao pé do penedo, se abria uma lapa que podia ser bastante abrigo para o tempo. Movido de piedade, parou, chamou-o e disse-lhe que descesse para a lapa e fugisse da chuva pois não tinha roupa bastante para a esperar: *Isso não* – respondeu o pastorinho – *que em deixando de estar alerta e com o olho aberto, vem logo o lobo e leva-me a ovelha ou vem a raposa e mata-me o cordeiro. – E que vai nisso?* – disse o Arcebispo – *A mim me vai muito* – tornou ele – *que tenho pai em casa que pelejará comigo e tão bom dia se não forem mais que brados. Eu vigio o gado e ele me vigia a mim. Mais vale sofrer a chuva.*

Não quis o Arcebispo dar mais passo; esperou que chegassem os de sua companhia. Contou-lhes o que se passara com o menino e acrescentou: *E este esfarrapadinho inocente ensina a frei Bartolomeu a ser Arcebispo.* Este me avisa que não deixe de acudir e visitar as minhas ovelhas por mais tempestades que fulmine o céu.¹ Foi esta convicção que levou o antes Mestre e Doutor em Santa Teologia e agora Arcebispo de Braga a calcorrear em pleno Inverno a extensa geografia da sua Arquidiocese, enfrentando chuvas e ventos para estar com aqueles que eram “ovelhas sem pastor”.

Quando me fizeram a proposta de abordar o “estilo de ser pastor” exibido por Frei Bartolomeu dos Mártires, foi esta história que me ocorreu, como síntese da multifacetada doutrina, missão e acção pastoral do Santo Arcebispo. A sua vocação à vida religiosa na família dominicana, toda a sua formação e experiência docente, a actividade e compromisso eclesial, social e mesmo político, a experiência conciliar, os “estímulos” procurados nos ensinamentos dos Padres da Igreja, tudo contribuiu para a definição de um “estilo de ser pastor”, mas foi sobretudo a consciência da responsabilidade perante Deus pelas ovelhas a ele confiadas que marcou uma intensa e desinteressada actividade pastoral, algumas atitudes por vezes controversas no contexto da vida da igreja e sociedade do tempo, e particularmente a solicitude pelos mais fracos e mais pobres.

1. Nascimento e vocação religiosa

Bartolomeu Fernandes nasceu em Lisboa, a 3 de Maio de 1514. Desde tenra infância, aquele “menino dos olhos tortos”, como era reconhecido, revelou especiais capacidades e um gosto particular para o estudo: Nas deslocações diárias para casas do mestre, acompanhava

¹ FREI LUIS DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*, Livro, I, cap. XIV.

o seu avô já cego que deixava, depois de ouvir missa, imerso em contemplação, na Igreja de Nossa Senhora dos Mártires. Por ali ficava o avô, confiando o pequenito aos cuidados maternos de Maria, enquanto este recebia as primeiras lições de gramática. Esta experiência familiar, marcada pela ternura e oração, aliada a uma formação cuidada haveriam de lançar os alicerces de uma personalidade marcante e de uma sólida vocação religiosa que despontava e ia crescendo à medida que as conversações com os frades do Convento de São Domingos lhe iam preenchendo a mente curiosa.

Não admira, por isso, que Bartolomeu, apenas com catorze anos, tenha batido à porta do convento de S. Domingos, naquele dia 11 de Novembro de 1528, com o firme propósito de abraçar o ideal dominicano. Inesperadamente se viu confrontado com as dúvidas e a oposição do respectivo Prior, Jorge Vogado, surpreendido com a convicção daquele adolescente que ousadamente se propunha seguir a vida de austeridade própria de uma ordem mendicante. Estaria ele disposto a abraçar uma vida de abstinência perpétua, jejuns prolongados, vigílias frequentes, pobreza no vestir, limitações no dormir? Eram, de facto, propostas capazes de quebrar o ímpeto do mais forte carácter de um adulto quanto mais o de um rapazinho de 14 anos. Porém, a não menos surpreendente resposta logo haveria de convencer o atónito Prior: “Padre, trabalhos busco e aborreço mimos; por fugir de mimos que me sobejam e provar trabalhos que desejo e sei que para a salvação me são necessários, busco a vida religiosa. Não temo esses, nem me assustam outros maiores, porque não há corpo fraco onde o coração é forte”.² E por aqui se definia um verdadeiro programa de vida, um programa que haveria de marcar a multifacetada actividade do frade-arcebispo até ao fim dos seus dias. No ano seguinte, 1529, a 20 de Novembro, viria a fazer a sua profissão religiosa, mantendo o nome de baptismo a que acrescentou o apelido “do Vale” em memória do seu avô; mais tarde mudá-lo-ia para “dos Mártires” por devoção à padroeira da sua paróquia, e como tal ficaria conhecido.

2. Formação teológica e actividade docente

Tendo em conta que “o Senhor é servido que floresça esta religião com mais e melhores letrados com mais e maiores pregadores que muitas”,³ a profissão dominicana de Frei Bartolomeu implicava uma formação digna dos pergaminhos da Ordem, marcada por figuras do calibre de Santo Alberto Magno ou São Tomás de Aquino, ao mesmo tempo que procurava responder ao carisma próprio duma ordem “dos pregadores”, com a responsabilidade na formação do povo, face à generalizada ignorância do clero secular. Mais, o século XVI, não era propriamente uma época tranquila em termos de pensamento teológico como o não era em termos de vivência e prática religiosa: o rigorismo de uns procurava compensar uma grande dose de desleixo da maioria, afectando a estrutura das comunidades conventuais divididas em grupos de observantes estritos e liberais, ao mesmo tempo que a comunidade cristã se debatia com os primeiros efeitos da pujante reforma protestante ao lado dos desmandos de uma hierarquia claramente mundanizada.

A formação intelectual de Frei Bartolomeu foi-se desenvolvendo de acordo com as diferentes etapas de um verdadeiro “currículo” académico e, mesmo não tendo saído do âmbito dos claustros dominicanos, particularmente de São Domingos de Lisboa, a comunicação e troca de experiências entre conventos colocava-o ao corrente do que de

² FREI LUIS DE SOUSA, *o.c.*, Livro, I, cap. II.

³ *Ibidem.*

mais importante se passava ao nível do pensamento teológico e filosófico, bem como da vida da Igreja que vigoravam pela Europa do Renascimento. Naquele tempo, “ao estudante religioso competia, a assiduidade nas lições, o estudo perseverante sobre os textos e *postilas*, a participação e intervenção nos círculos quotidianos de discussões e avaliação”.⁴ Com uma formação de base que lhe permitia ser considerado “um bom latino e um bom gramático”, começou a frequentar, no convento de São Domingos de Lisboa, os cursos de Artes (Filosofia) e de Teologia. Sabemos que as condições de vida na Ordem não eram então particularmente favoráveis ao estudo pois, face às obrigações do coro e do canto, mesmo tendo em conta certas dispensas de que gozavam os religiosos estudantes mais novos, “pesando-se tudo, nem o mais aturado estudante desta Ordem pode dizer que estuda muito”;⁵ porém, Frei Bartolomeu “estudava com tal cuidado que, em Lógica e Filosofia, não tinha igual entre os seus discípulos”, como refere o seu distinto biógrafo, Frei Luís de Sousa.⁶ Adivinhando um destino que não esperava nem desejava para si, a formação intelectual do jovem dominicano não se limitava ao mero interesse académico pois, ao lado do normal exercício sobre as “postilas que se escreviam nas aulas, e sobre os livros que para elas servem”, incluía ainda “a oração e a contemplação”.⁷ Não admira, por isso, que venhamos a encontrar mais tarde o Mestre e Doutor em Santa Teologia, Bartolomeu dos Mártires, após uma considerável e brilhante carreira académica, transformado no novo Arcebispo-Pastor, solícito com os mais pobres, preocupado com os doentes, atento à formação do clero em ordem à ilustração e crescimento na fé do povo de Deus. Podemos dizer, sintetizando a sua formação, no contexto das grandes correntes de pensamento quinhentista, que Bartolomeu dos Mártires, haveria de afirmar, enquanto Bispo, um sadio *humanismo* sem se ser um Humanista; haveria de pôr em prática a Palavra de Deus sem ser um *biblista*, e, sem ser *nominalista*, haveria de preferir a sensibilidade do Bom Samaritano para com a vida das pessoas concretas à segurança teológica e doutrinal dos escribas e fariseus.⁸

3. Missão pastoral

3.1 – A nomeação para Arcebispo de Braga

Homem notável pelas qualidades de espírito e de carácter, conhecido e reconhecido nos meios intelectuais da época, a sua extrema humildade e dedicação ao estudo sentiram-se inesperadamente confrontados com o apelo à vida episcopal, que ele sabia estar, então, envolta em interesses mundanos e condicionada por perspectivas de carreira. Nas suas palavras: “tem-se como coisa certa que a mudança do estado monacal para o estado episcopal é, na prática, uma mudança de amor à humildade e à penitência para o amor aos prazeres e vaidades, quer dizer, para um estado de maior voluptuosidade e vaidades”⁹. Não era esta a visão de Frei Bartolomeu; por isso, uma vida episcopal não estava nos seus horizontes. Mesmo convicto de que tal opção implicaria “a passagem para um estado mais

⁴ *Idem*, p. 141.

⁵ *Ibidem*.

⁶ FREI LUIS DE SOUSA, o.c., Livro I, Cap. III.

⁷ *Ibidem*.

⁸ JORGE ALVES BARBOSA, *Frei Bartolomeu dos Mártires, Mestre e Doutor em Santa Teologia*, in, *Jornadas Bartolomeanas*, Viana do Castelo, 2015, p. 107

⁹ FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, p. 351.

espiritual, mais santo e mais austero, onde se conservam todas as virtudes da vida monástica (excepto o silêncio, por ser impossível) e se praticam novas virtudes, como a generosidade e o exercício das obras de misericórdia”,¹⁰ foi com enorme surpresa e particular desgosto que recebeu a proposta da Rainha Regente, D. Catarina, para suceder ao recentemente falecido Arcebispo Bracarense e Primaz das Espanhas Frei Baltasar Limpo, por sábia sugestão do Provincial, Frei Luís de Granada. De facto, pensava ele, como é que “haveria de dar conta a Deus de tantas mil almas como havia naquela Igreja, um pecador miserável, que da sua se não atrevia a dá-la boa? Um pobre fradinho, sem experiência, criado desde menino no deserto da Religião, como se havia de buscar para governo de tanto peso?”.¹¹ A relutância em aceitar o novo desafio, – certamente a exemplo de São Domingos que recusou por duas ou três vezes em que foi eleito bispo¹² – algo que muitos outros procuravam afanosamente e abraçariam de bom grado, levou-o a um enorme esforço para encontrar argumentos que demovessem a soberana de tal propósito; chegou mesmo a confrontá-la com a perspectiva das contas que disse ela haveria de dar a Deus, ao que ela respondeu, com real humor, que, se fossem esses os seus problemas nas contas a prestar, se sentia bastante aliviada.

Apenas a obediência ao Provincial dominicano o levou a aceitar tão alta responsabilidade e dignidade.¹³ A cena dramática em que, diante dos frades do convento, Frei Luís de Granada lhe impõe que, de joelhos e por obediência, aceite imediatamente o Arcebispado, teve lugar no coro de S. Domingos de Lisboa, em 8 de Agosto de 1558. Frei Bartolomeu aceitou o ofício qual “cadeia de ferro”, camisa-de-forças – uma “braga”, como ele dizia, jogando com o nome da Arquidiocese – que carregou quase até ao fim da vida. A comoção do momento foi tão profunda que caiu doente e, em Novembro, os Jesuítas do colégio de S. Roque notificavam para Roma que o Arcebispo ainda estava “mal disposto”. Esta indisposição e a lentidão dos negócios, própria do tempo, fizeram com que a confirmação papal da sua eleição apenas tivesse lugar a 27 de Janeiro de 1559, sendo-lhe concedido o *pálio* de metropolitano no Consistório de 6 de Março seguinte, vindo a sagração a ter lugar, mais de um ano depois da eleição, a 3 de Setembro de 1559, na igreja de S. Domingos de Lisboa: “Mitra

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ FREI LUIS DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*, Livro I, Cap. VI. Conta-se que quando Frei Bartolomeu foi ao Paço da Rainha para o agradecimento protocolar pela sua eleição, terá dito à soberana que certamente Deus lhe haveria de pedir contas pelo facto de o ter carregado com tal fardo, ao que ela, que o conhecia já muito bem, respondeu: “Senhor Arcebispo, se esta for a única falta pela qual eu tenha de responder diante de Deus; e se é por ela que eu hei-de experimentar os extremos da Sua justiça, sei, Senhor Arcebispo de Braga, que a minha morte será serena e tranquila, cheia de quietação e confiança no mesmo Deus” (Cfr. MALACHIAS D’INGUIMBERT, *Vita D. Bartholomaeus a Martyribus*, c. 9, citado em JOSÉ CALDAS, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, p. 149). Não sabemos se a Rainha ganhou mesmo o céu, mas uma coisa perdeu: as lampreias que tradicionalmente lhe eram destinadas, da mesa do Arcebispo, e que ele desencaminhou para os seus pobres, com o aplauso da soberana...

¹² Acta da Canonização de São Domingos; texto na *Liturgia das Horas* na memória do santo.

¹³ A santa obediência busquei no princípio da minha vida para me livrar por seu meio dos perigos do mundo, ela depois de velho me lança de si e me obriga com censuras que torne às ondas e às tempestades desse mesmo mundo: e quer que a creia eu, e que tenha por bom e acertado o que me manda quando assim me desampara. Grande poder, duríssimo mandado, que haja de negar o meu entendimento e haver que será seguro e sadio para mim o que sei que foi veneno e veneno mortífero para muitos melhores que eu. Digo, Padre nosso, que eu me submeto à santa obediência e dela protesto que recebo esta prelacia e não da mão de nenhum príncipe da terra. Porque a Deus tomo por testemunha, que só o poder da minha Religião, que é poder Seu, e nenhum outro do céu abaixo me pudera obrigar. (FREI LUIS DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*, Livro I, cap. 8).

me puseram na cabeça e o peso do monte Apenino inteiro sobre o coração” – comentaria mais tarde, com o seu habitual humor, no encontro com Pio IV, em Roma.¹⁴

3.2 – De Professor a Pastor

Como haveria de escrever mais tarde no *Estímulo de Pastores*, “que se deve fazer senão que o virtuoso aceite forçado o governo, e o desprovido de virtudes nem sequer forçado o aceite? O primeiro, se é de todo renitente, tema que escondendo num lenço o talento recebido venha a ser julgado por o ter escondido. Esconder o talento recebido é esconder os dons recebidos no ócio da preguiça. O segundo, se aceita facilmente, veja que não se torne, pelo exemplo das más obras, obstáculo para os que entram no Reino dos Céus, à maneira dos Fariseus a quem o Senhor disse que não entravam nem deixavam entrar”.¹⁵ Com este modo já resignado de pensar, se vai delineando o carácter do novo Arcebispo, confrontado agora com o desafio dos “mil e quatrocentos hospitais”¹⁶ como ele chamava às paróquias da sua diocese. É certo que, já enquanto professor de Teologia, Frei Bartolomeu se preocupava particularmente em “fazer discípulos santos mais que doutos com a lição e para salvarem almas com a pregação”, consciente da “necessidade de mudança de uma sociedade e de uma Igreja mergulhadas em enorme crise de fé e costumes”¹⁷. Da sua actividade de professor distinto e da energia das suas lições¹⁸ derivará o entusiasmo da sua acção de pregador pelas montanhas do Barroso, a generosidade e desprendimento na assistência aos empestados de Braga, a dedicação aos pobres de toda a diocese particularmente em Viana do Castelo.¹⁹

4. Linhas da acção pastoral de Frei Bartolomeu: “um estilo de ser Pastor”

Chegou a Braga a 4 de Outubro, dia de São Francisco, tendo, ao tocar pela primeira vez solo bracarense, rezado nos mesmo termos de Salomão que pediu “graça e sabedoria para tão espinhosa missão” (1Re 3, 9). A figura do “poverello” de Assis, era a ideal para marcar a especificidade de uma missão ali iniciada. Agora imaginemos a população de Braga ansiosa pela chegada de um novo Arcebispo, engalanado com as mais ricas vestes episcopais a condizer com os pergaminhos da sede primaz, rodeado de pajens, criados e outros, montado em cavalo de raça, e surge junto da porta do paço um fradinho montado numa pileca, acompanhado do seu fiel colaborador, Frei João de Leiria, e mais um ou dois clérigos como o anónimo que retirou da sua aldeia de Barreiras, ali perto de Leiria; imaginem toda a gente a contar fazer obras no paço episcopal para oferecer ao novo Arcebispo aposentos a condizer com a sua dignidade e prestígio ou com a fama que o precedia, e eis que Frei Bartolomeu começa a arrancar reposteiros das janelas, a retirar roupas das camas, quadros das paredes, mesas do quarto de dormir, na ânsia de recriar em Braga o conforto que deixara na cela conventual: um colchão de palha e duas mantas que trouxera do mosteiro,

¹⁴ FREI LUIS DE SOUSA, o.cit, Livro II, cap. 27.

¹⁵ FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, p. 13.

¹⁶ FREI LUIS DE SOUSA, o. cit, Livro I, cap. 17.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Ver FREI RAUL DE ALMEIDA ROLO, *Formação e vida intelectual de Frei Bartolomeu dos Mártires*, Biblioteca Verdade e Vida, Porto, 1977 e JORGE ALVES BARBOSA *Frei Bartolomeu dos Mártires, Mestre e Doutor em Santa Teologia*, in *Jornadas Bartolomeanas*, Viana do Castelo, 2015.

¹⁹ JORGE ALVES BARBOSA, *Frei Bartolomeu dos Mártires, Mestre e Doutor*, p. 113.

uma pequena mesinha, uma escudela de água para deitar nos olhos ensonados, e um quadro de Nossa Senhora da Assunção na parede. Imaginem criados de cozinha e de mesa, que incluíam até um trinchador de carne, à espera das ordens para a confecção das mais requintadas iguarias perante um Arcebispo que se contenta com um pedaço de pão, dois ovos cozidos e um pouco de vinho com água; aos cónegos que pensavam erigir-lhe uma estátua nos mesmos moldes de outros arcebispos recusa com estas inesperadas palavras: “vós sois piores que o diabo; ele pediu ao Senhor que transformasse pedras em pão e vós quereis transformar o pão dos pobres em pedras!...”. Imaginem a desilusão dos membros da comitiva das visitas pastorais, cansados e esfomeados, diante de um opíparo banquete oferecido por um ricoço da paróquia visitada, quando Frei Bartolomeu, depois de retirar da mesa um pouco de pão e um ovo, arranca apressadamente para nova etapa, obrigando a comitiva a meter apressadamente ao bolso mais um pastel de bacalhau...

Mas podem imaginar também o Doutor em Santa Teologia, conhecedor profundo dos Comentários de Caetano às *Sentenças*, senhor das mas recentes e actualizadas apertações de Francisco de Vitória ou Melchior Cano às teses de Teologia, escutar dos seus diocesanos de Covas do Barroso, expressões de fé como esta: “Benta seja a Santa Trindade que é irmã de Nossa Senhora!”²⁰... Imaginem os membros da cúria diocesana, e os serviçais do paço a contar passar mais um frio inverno ao borrarho da casa episcopal gozando das prebendas afanosamente retiradas a um povo esfomeado e Frei Bartolomeu decidido a de arrancar, em pleno Janeiro, rumo às terras inóspitas do Barroso; terras que nenhum Arcebispo havia ousado visitar, depois de São Geraldo lá ter perdido a vida. Sim, porque “*Quem observa os ventos não semeia – dizia ele – e quem se põe a olhar para as nuvens nunca ceifa*”. Se o lavrador não houver de lavrar nem de semear senão com bom tempo, nunca semeará, nunca chegará a colher novidade [...]. Era o primeiro que, de toda a sua família, se levantava pela manhã cedo, e gastava um grande espaço em oração posto de joelhos; e, algumas vezes com muitas lágrimas, pedindo a Deus favor e ajuda para aquele acto, seu serviço, em que havia de entender aquele dia”.²¹

4.1. O perfil do Bispo à imagem dos Padres da Igreja:

“Ai daquele que, colocado em lugar elevado não irradia luz, mas apenas fumeira frouxamente, com apatia, por causa da avareza, do orgulho e da voluptuosidade!...”²² É esta a convicção com que Frei Bartolomeu inicia e desenvolve a sua actividade como pastor da Arquidiocese de Braga (então quase todo o norte de Portugal). Ele está consciente da sua incapacidade e inexperiência para o governo duma Diocese; “idiota e de todo ignorante” como afirmaria a Pio IV, mas sabe que o Bispo deve ser “o sol da sua diocese, homem todo a arder em zelo, votado inteiramente à conquista das almas para Cristo, a pregar sempre com o seu exemplo e frequentemente com a sua palavra”.²³ Foi esse exemplo e palavra que foi buscar aos Padres da Igreja cujos textos haveria de compilar numa obrzinha destinada a uso pessoal, mas que se tornaria famosa muito por culpa daquele que foi o seu grande amigo e confidente, São Carlos Borromeu: falamos do *Estímulo de Pastores*.²⁴

²⁰ FREI LUIS DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*, Livro III, cap. V.

²¹ FREI LUIS DE SOUSA, *o. c.*, Livro I, cap. XIV.

²² FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, n. 251

²³ *Idem*. p. 247.

²⁴ Há muita literatura sobre o *Stimulus Pastorum* cuja doutrina não vamos desenvolver aqui. Limite-me a apontar uma referência que pelo seu carácter sintético e preciso se afigura suficiente: o artigo de DAVID

Na escola dos Padres da Igreja, muito particularmente de São Gregório Magno, São João Crisóstomo, Santo Agostinho e ainda no mais recente São Bernardo de Claraval, fez Frei Bartolomeu a sua aprendizagem do episcopado; mais anda, encontrou ali o *estímulo* que o haveria de animar durante mais de vinte anos, nas suas deslocações, de Melgaço a Freixo de Espada à Cinta ou de Braga a Trento. Trata-se de um “portfolio” que exhibe, de forma não muito sistematizada, a recolha de elementos sobre a acção pastoral dos bispos, com relevo para a *Regula Pastoralis* de São Gregório Magno e para a *Carta ao Papa Eugénio* de São Bernardo, seguido de um comentário mais ou menos estruturado; deve ter sido elaborado em Trento, durante o longo período de espera pelo início dos trabalhos da IV sessão do Concílio, para o qual se ali deslocara com prontidão após a convocatória recebida de Pio IV. Longe dos negócios da Diocese, entretanto confiados a Frei João de Leiria, faz então “uma reflexão serena sobre a situação dos bispos e as suas reais responsabilidades no múnus de pastores, no contexto de uma situação preocupante em que vivia a sua Igreja bracarense e não só ela, a avaliar pela situação de clero e fiéis eventualmente ameaçados pelos ventos de doutrina que sopravam ameaçadores da Europa central e que, na falta de um hábil monarca em Portugal, apenas a autoridade de Filipe II de Espanha poderia conter. No escrito de São Gregório, Frei Bartolomeu não só encontrou apoio e inspiração para a sua missão pastoral, mas também uma proximidade de temperamento e até de experiências vividas, incluindo o episcopado: ambos tinham experimentado a vida regular, ambos tinham assumido como vocação e orientação de vida um caminho de recolhimento e estudo. A vertente espiritual, aliada ao saber, acabou por levá-los por caminhos que os dois aceitaram com relutância. Do pensamento de Gregório Magno encontramos no *Estímulo* as qualidades próprias dum pastor: serviço gratuito de total dedicação à Igreja, subestimando aspectos menos felizes no múnus episcopal, uma humildade interior e uma vontade sincera de a todos servir na prática do bem”.²⁵

4.2. *Seleção e formação do Clero: Seminário e Catecismo*

A actuação²⁶ do clero e sua preparação foram dos maiores desafios colocados a Frei Bartolomeu; sendo verdade que ele respeitava o Cabido da Sé Primacial ao ponto de o considerar “suma dessa Santa Igreja e as primeiras colunas e capitéis da glória e honra de Deus”, foi no cabido que encontrou a mais forte oposição a muitas das suas reformas; ao regressar de Trento, esperavam-no “trabalhos, inquietações, tempestades de contendas e desgostos”,²⁷ com o Cónego João Afonso, em nome do cabido bracarense, a dizer, já no Concílio Provincial, que “o sagrado Concílio não fora feito nem era necessário para esta

SAMPAIO BARBOSA, “Stimulus pastorum, texto e contexto de uma proposta de renovação”, in *Lusitania Sacra*, 15(2003), p. 15-41.

²⁵ D. S. BARBOSA, “Arquétipo do pároco na obra de Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga: uma aproximação histórica”, in *Lusitania Sacra*, 23(2011), p. 33.

²⁶ A posição do bispo perante o seu clero era quase de uma total impossibilidade: muitos dos obstáculos à acção intervenção do bispo no governo da diocese procediam de Roma – cúria romana – que, através de isenções concedidas aos mosteiros, ordens mendicantes, cabidos ou outras pessoas singulares, criava zonas isentas no interior da diocese; com a colação directa de benefícios, uns reservados ao pontífice, outros ao rei, tornava quase impraticável o exercício duma pastoral directa; a prática do recurso directo a Roma, com a exclusão das primeiras instâncias, assim como a competência de Roma em quase toda a matéria de dispensas e absolvições, colocava a actividade episcopal numa situação bastante precária (Cfr. DAVID SAMPAIO BARBOSA, *Idem*, p. 66, nota 20.

²⁷ FREI LUIS DE SOUSA, *A Vida*, Livro III, cap. 1.

Província”²⁸ acrescentando ainda que o seminário se escusava e, se alguém o julgasse necessário, o sustentasse à sua própria custa. A criação do Seminário seria, sem dúvida, uma das opções mais determinantes na acção pastoral e na obra reformadora de Frei Bartolomeu, face ao estado deplorável do clero a quem estavam confiadas as paróquias da diocese. Em Braga, “o clero era numerosíssimo” confessava ele em Carta a S. Carlos Borromeu,²⁹ mas era um clero particularmente ignorante, “mais rudes que os seus fregueses”,³⁰ – já que a pregação e a formação do povo estavam então reservadas aos religiosos, e confinadas aos tempos mais fortes do ano litúrgico – e muito dado às coisas materiais. A culpa não deixava de ser dos próprios bispos que “dão as Igrejas paroquiais como quem dá hortas ou quintas; e daí vem que não temos quem ensine, quem confesse, nem quem pregue frutuosa-mente”.³¹ Basta lembrar a figura do Abade [de Fontoura, Valença], com os seus doze filhos, quais capangas fortemente armados, a guardar o passal e a residência, de tal modo que o Arcebispo só lá conseguiu entrar mascarado de peregrino de Santiago.³² O mesmo Frei Bartolomeu faz um diagnóstico bem curioso da situação das paróquias e respectivos párocos no “Proémio” do *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*: “E, quanto ao pasto de bom exemplo de vida, todo mundo vê quantos há que, neste caso, mais cumprem com o ofício de lobos que de pastores, quase forçando, com a eficácia do exemplo de sua vida carnal, que as ovelhas também vivam carnal e perdidamente. Quanto à doutrina, que é mais fácil pasto de dar, claro está quão negligentes são os Abades, Reitores e Capelães, em fazer exortações santas e espirituais a seus fregueses nas estações: quão mal lhes persuadem o amor e temor de Deus, ódio de pecados, desprezo das cousas do mundo e desejos do céu. E se alguns dizem algumas palavras, são de maneira que nem pegam, nem fazem fruto, nem edificam as consciências, nem acendem faísca alguma de devoção ou de bom propósito, nos corações dos ouvintes; antes tão frios e distraídos se tornam, acabada a missa, como entraram na igreja”.³³ Por isso, para os padres poderem proporcionar alguma formação ao povo, escreveu o *Catecismo*, com obrigação severa de ser lido por todos³⁴ nas celebrações dominicais, acrescentando-lhe um conjunto de homilias a que chama *Práticas Espirituais* para serem lidas nos tempos fortes e nas festas mais importantes. Para garantir a formação e acompanhamento do clero das regiões mais distantes, entre outras iniciativas, fundou o Convento de Santa Cruz em Viana do Castelo com a obrigação de alguns dos padres irem pelas aldeias a pregar particularmente no Avento e Quaresma. Além deste cuidado com a formação do clero já existente³⁵ utilizou um método particularmente original para a selecção dos candidatos ao sacerdócio destinados à vida paroquial:

²⁸ Cit. in RAUL ROLO, *O Bispo e a sua Missão Pastoral* p. 282.

²⁹ Carta a S. Carlos Borromeu em 15 de Novembro de 1564, in *Ambrosiana*, f. 36.

³⁰ FREI LUIS DE SOUSA, *A Vida*, Livro III, cap. 56.

³¹ FREI LUIS DE SOUSA, *idem*, Livro II, cap. 15.

³² FREI LUIS DE SOUSA, *Idem*, Livro III, cap. 16.

³³ FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Proémio ao Catecismo*.

³⁴ Desta obrigação apenas estavam dispensados os religiosos que, pela sua formação mais cuidada, podiam falar de improviso ou os formados em Teologia.

³⁵ A ideia de um clero instruído e virtuoso levou Frei Bartolomeu lutar e a defender intrepidamente, no Concílio de Trento, a fundação dos Seminários: “Ai e muitas vezes ai, gravíssimos padres, que vejo e sei que se dão hoje as Igrejas paroquiais como quem dá hortas ou quintas. E daí vem que não temos quem ensine, quem confesse, nem quem pregue frutuosa-mente. Por isso, ninguém estuda, ninguém trabalha por saber; e geralmente se tem por erro gastar tempo, vida e fazenda nas universidades, quando basta servir ociosamente ao bispo ou ao seu parente sem mais cansar, nem saber, para gozar rendas de grandes benefícios, quando vale mais a ignorância com poucas onças de favor que a ciência e as letras com grandes pesos de merecimento (FREI LUIS DE SOUSA, *Vida*, Livro II, cap. 15).

Logo que chegou a Braga, reuniu à sua volta, no próprio Paço um grupo de rapazinhos, nomeadamente os que trouxera do Barroso, para deles fazer os padres que enviaria de novo para aquelas paragens já que mais preparados e dispostos a viver as condições de vida dos seus conterrâneos. Foi este o embrião do Seminário. Para a formação desses meninos e a organização do Seminário Conciliar contou particularmente com os padres da Companhia de Jesus – com a reestruturação dos estudos do Colégio de São Paulo e a colaboração particular do Padre Inácio de Azevedo – bem como alguns dominicanos, os que a sua Ordem lhe conseguiu disponibilizar.³⁶

4.3 A formação do povo: as visitas pastoram

A solicitude pastoral de Frei Bartolomeu dos Mártires, a proximidade ao pulsar do coração do povo foi, desde sempre, a sua principal preocupação e causa de muitas outras iniciativas entre as quais a da selecção e formação do clero. Como resumiu lapidarmente o Papa João Paulo II, na *Homilia* proferida aquando da beatificação de Frei Bartolomeu, em Roma [4 de Novembro de 2001]: “Sendo a ignorância religiosa a maior das pobreza, o Arcebispo tudo fez para lhe pôr remédio, começando pela reforma moral e elevação cultural do clero, ‘porque manifesto está, escrevia ele, que, se o vosso zelo correspondesse ao ofício, (...) não andariam as ovelhas de Cristo tão fora do caminho do Céu’”.³⁷ Como já dissemos, nem os ventos, nem o frio ou a chuva o impediram de ir ao encontro do seu povo, nas regiões mais isoladas; se tivermos em conta os condicionalismos do tempo, não deixa de ser impressionante o facto de ter feito *pessoalmente* a visita pastoral de toda a Arquidiocese de três em três anos, ou de quatro em quatro, quando as forças começavam a faltar. Foi precisamente, no coração do inverno de 1560 que Frei Bartolomeu saiu para a *visitação* da zona litoral;³⁸ em 4 de Fevereiro, os Padres Jesuítas atestam que o Arcebispo “anda muito ocupado nas coisas do arcebispado” e, em Julho seguinte, afirmam de novo que ele “anda visitando”.³⁹

³⁶ Entre eles, alguns nomes ilustres como Diogo do Rosário, Jerónimo Borges, António Pegado, Melchior de Monsanto, Diogo de Leiria, Reginaldo de Melo e João de Leiria, que foi o braço direito do Arcebispo enquanto viveu. A formação dos padres e, depois, dos candidatos ao Sacerdócio incluía Gramática, Retórica e Arte (Filosofia) como base e depois Casos (Teologia Moral) e Teologia.: “Acima de tudo devem estudar Teologia Moral e Casuística” (“Respostas do Arcebispo ao cânones sobre os abusos no Sacramento da Ordem”, 16 de Maio de 1563, in *Documenta Bartholomaeana Tridentina*, p. 153). Para socorrer mais permanentemente a cidade de Viana do Castelo, fundou nela o convento, de Santa Cruz, onde os seus irmãos de hábito seriam como que embaixadores do seu zelo e vigilância junto das almas. Canalizando para o Convento de Santa Cruz de Viana muitos dos recursos materiais e humanos do Convento de São Salvador da Torre, procurava o Arcebispo enfrentar os diversificados problemas com que a cidade de Viana se confrontava na sua relação com o mar, o comércio marítimo, o considerável movimento de pessoas e mercadorias com todas as vantagens e perigos que isso envolve: naufrágios, pirataria, roubos, prostituição, ao lado de especiais condições de enriquecimento nem sempre lícito.

³⁷ JOÃO PAULO II, *Homilia* proferida na celebração onde procedeu à beatificação de Frei Bartolomeu dos Mártires.

³⁸ FRANQUELIM NEIVA SOARES, “Aspectos socio-religiosos das visitas bartolomeana pessoais no Distrito de Viana do Castelo”, in *Jornadas Bartolomeanas*, Viana do Castelo, 2015, p. 136. Muitos autores colocam a primeira visita no Barroso em Janeiro de 1561. Frei Luís de Sousa não o faz já que alude precisamente ao episódio do carvalho de Ruivães “a seis léguas de Braga nesta visita”, com uma cova no tronco onde Frei Bartolomeu crismou. (FREI LUÍS DE SOUSA, Livro I, cap. XIV),

³⁹ Numa carta ao Papa Gregório XIII, diz D. Frei Bartolomeu que passa “a maior parte do ano” visitando a sua Igreja. No fim do seu governo, quando recebe a notícia de que lhe foi aceite a resignação do Arcebispado, ainda é “andando visitando a comarca de Valença do Minho”, como o próprio atesta, que essa notícia lhe chega. Não deixa de ser deliciosa a forma bem-humorada como Aquilino Ribeiro, em *Dom Frei Bertolameu*, relata uma das visitas do Arcebispo que ele transfere para a região do Gerês. É que o Gerês, ao menos, ainda

O método utilizado nas Visitas Pastorais pessoais vem pormenorizadamente descrito na *Vida do Arcebispo* escrita por Frei Luís de Sousa e tem sido objecto de um estudo particularmente acurado pelo Padre Franquelim Neiva Soares que transcreveu e publicou recentemente as respectivas *Actas* que sobreviveram.⁴⁰ A partir da leitura destas obras, poderemos desenhar um retrato bastante próximo do “estilo de ser pastor” que Frei Bartolomeu exibia nas visitas pastorais. Tendo deixado os cuidados de governo-geral da Arquidiocese a Frei João de Leiria, deslocava-se por um razoável período de tempo, percorrendo um programado “itinerário visitacional”⁴¹ no contexto de uma determinada região da Diocese, acompanhado por uma comitiva de cerca de vinte pessoas⁴² – elementos da Cúria Diocesana e até do Tribunal, diríamos hoje – que com ele colaboravam no âmbito da própria visita. A visita pastoral poderia abarcar uma manhã ou uma tarde, no caso de freguesias pequenas, e era feita seguindo um método bastante preciso, com base num formulário – capítulo geral⁴³ – mais ou menos comum: cada dia de visita começava muito cedo: Frei Bartolomeu fazia oração, confessava-se, celebrava missa, crismava e depois, por meio de “uma pregação simples e clara exposição doutrinal, para que todos entendessem” ensinava “doutrina acomodada, de modo a levar os fiéis à prática das virtudes, à vivência cristã e à fuga dos vícios”.⁴⁴ De seguida organizava três grupos, em mesas separadas, sob orientação sua e de mais dois visitantes com o respectivo escrivão. A visita constava então de três momentos: 1) ida às igrejas e capelas, onde se fazia uma inspecção sobre o estado de edifícios, alfaias,⁴⁵ obras de arte, altares, residências etc.; 2) inquérito ou recepção de denúncias das pessoas com eventuais comportamentos irregulares: a chamada *devassa*; 3) eram dadas sentenças sobre as transgressões encontradas e feitas propostas ou imposições em ordem à solução dos problemas encontrados. Após uma reunião do Arcebispo com os outros dois visitantes,

lhe pôde proporcionar a Abadia de Bouro para retemperar forças... ou a amizade de um ricoço da região para garantir um bom almoço que Frei Bartolomeu interrompeu para continuar viagem, ante o desespero dos seus acompanhantes, mulas incluídas (AQUILINO RIBEIRO, *Dom Frei Bartolomeu, As três desgraças nacionais*, Bertrand Editora, 1959, p. 35-36).

⁴⁰ FRANQUELIM NEIVA SOARES, *Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, Visitações Pastorais Pessoais*, Ed. Arquidiocese de Braga, 2014.

⁴¹ Expressão do Padre Franquelim Neiva Soares, in F. N. SOARES, “Aspectos socio religiosos das visitas bartolomeanas pessoais no Distrito de Viana do Castelo”, in *Jornadas Bartolomeanas*, Viana do Castelo, 2015, p. 136.

⁴² “A quem se tinha de sustentar e dar alojamento com muita besta. Enfim, um grande peso e dispêndio para as igrejas”, FRANQUELIM NEIVA SOARES, *Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, Visitações Pastorais Pessoais*, p. 17, citando Frei Luís de Sousa; Ver ainda do mesmo autor “Aspectos... socio religiosos das visitas bartolomeana pessoais no Distrito de Viana do Castelo”, in *Jornadas Bartolomeanas*, Viana do Castelo, 2015, p. 135-177.

⁴³ Terminologia utilizada por Franquelim Neiva Soares.

⁴⁴ “Quem deixa alastrar o vício (diz Santo Agostinho) para não contristar o pecador, é tão compassivo como aquele que não tira a faca da mão dum criança, para não a ver chorar; e não receia ter que lamentar vê-la ferida ou até morte. Acordam-se os letárgicos, amarram-se os frenéticos, mas tem-se amor a ambos” (FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, p. 286-287); interessante o testemunho deixado por Dom Rodrigo da Cunha, um dos seus sucessores “Era para ver o santo prelado ocupando-se todo por estes lugares em ensinar o Sinal da Cruz e o Padre-Nosso aos meninos, tomando-lhes ele próprio a mão, e formando-lhes com ela as cruzes, ajudando-os a formar e pronunciar as palavras sagradas: eles lhe tinham já tão cobrada afeição que ao caminho o vinham receber, e repetir a doutrina passada: levava-lhes sempre o santo algum mimo ou coisa de devoção para mais os espertar a irem por diante”.

⁴⁵ O seu espírito de pobreza não o impediu de mandar substituir todos os cálices de chumbo por cálices de prata, face à dignidade da Eucaristia, mas também, cremos, por uma questão de higiene e saúde. Muito solícito também relativamente ao cumprimento das normas litúrgicas, nomeadamente quanto ao Ofício Divino e quanto aos estipêndios e salários do clero, nomeadamente os que tinham mais dificuldades, os quais seriam ajudados pela Cabido bracarense.

fazia-se uma *acta* com as situações encontradas e soluções ou imposições feitas ao pároco, a quem era entregue a respectiva cópia.

Qual era então o panorama religioso nas paróquias da Arquidiocese? Relativamente aos termos dos “capítulos gerais” e às recomendações feitas aos párocos, podemos apontar: 1) o absentismo do clero, originava a obrigação de celebrar missa aos Domingos e Festas principais; 2) atender as pessoas na recepção dos sacramentos sobretudo a Penitência e Eucaristia e exortá-las a tal; 3) ensinar, antes ou depois da missa, a doutrina às crianças – *Pai Nosso, Avé Maria, Salvé Rainha e Credo* – e a outras pessoas que dela necessitassem, elementos essenciais para a receberem a absolvição; 4) evitar a acumulação de *benefícios*; 5) alertar e corrigir os erros denunciados nas devassas.

Relativamente a estes últimos, de acordo com os dados recolhidos pela leitura das *Actas*⁴⁶ podemos traçar um *quadro de costumes* mais ou menos preciso – já que muitas das situações se repetem de lugar para lugar e perduram com o tempo – quadro que podemos resumir em alguns pontos: 1) realização de procissões nocturnas e clamores, a partir de elementos pagãos como montes e penedos, prática que podemos eventualmente relacionar com as chamadas “Encomendações das Almas”; 2) mau comportamento nas igrejas com demasiado falatório, mas também muito absentismo às celebrações dominicais; 3) grandes comezainas por ocasião dos funerais ao ponto de se gastarem neles todos os bens do defunto; 4) a prática de bruxaria e feitiçaria que levou o bispo a aplicar castigos muito particulares como a uma renitente benzedeira da Meadela, Viana do Castelo: foi obrigada a estar dois domingos, durante a missa, exposta à vista de todos com uma vela na mão à porta da igreja; 5) abuso de juramentos, juras e também blasfémias; 6) jogatinas de cartas, de noite, em casas suspeitas e com presença de mulheres, onde se gastava o dinheiro que tanta falta fazia à família; 7) casamentos clandestinos ou “infiamentos”, uma espécie de *união de facto* com promessa de casamento futuro; 8) mau comportamento dos casais: adultério, infidelidade, mas também recusa do débito conjugal por parte das mulheres, – “braveza das mulheres” – como castigo para os maridos mal comportados; 9) incumprimento da lei do jejum e abstinência com a prática de “comer fígado ao sábado”.

A forma de actuação do Arcebispo em consequência das situações observadas nas visitas pastorais fornece-nos mais alguns elementos sobre a especial sensibilidade de Frei Bartolomeu e o seu carácter, elementos que definem o seu “estilo de pastor”: por um lado, aquele homem de trato afável e marcado pela humildade e compreensão para com os males dos outros, por outro lado um homem que “em tratando as coisas de Deus era fogo, era raio, era corisco”,⁴⁷ nomeadamente quando os prevaricadores eram os poderosos lá da terra, impenitentes e arrogantes: a um que se chamava Benevides, trata-o como “*Bene bibitis*” e a outro que se apelidava de Tristão da Silva não hesita em mudar-lhe o nome em *Cabrão* da Silva. Quando se tratava da intromissão dos poderes seculares com os direitos da Igreja, ou quando se deparava com juízes corruptos, era implacável ao ponto de chamar de *ladrão* a um deles.... Para os erros mais graves, actuava com o peso, mesmo exagerado, da excomunhão ou suspensão de ordens ao clero e sobretudo com as multas... muitas multas.

Porém, na maior parte das vezes, impunha-se a face mais terna e compreensiva do Pastor: para o clero e respectivos desmandos, dado o enorme respeito que por ele nutria, as denúncias da *devassa* eram apontadas por Frei Bartolomeu num caderno privado, utilizando um método que procurava salvaguardar o lado secreto dos dados recolhidos: ○ = sacerdote com boa fama; ● = sacerdote com infâmia provada; ◐ = sacerdote infamado com defeito

⁴⁶ FRANQUELIM NEIVA SOARES, o. cit., p. 21-25.

⁴⁷ FREI LUIS DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*, Livro II, cap. 12.

de provas e ☉ = sacerdote infamado com suspeita fundada em testemunhas. A um clérigo renitente pediu que o confessasse, provocando uma imediata conversão e ao Abade de Fontoura, já nosso conhecido, arrancou uma mudança radical de vida, numa conversa amena, não sem antes lhe ter mostrado a “vergastinha” que trazia, mas sobretudo depois de lhe ter pedido que lhe desse de comer... Nos casos mais delicados que envolviam os leigos, nomeadamente os relativos a infidelidades conjugais, Frei Bartolomeu anotava-os como “crimes indefinidos”.⁴⁸ Sendo verdade que aplicava multas com frequência, raramente as mandava cobrar; são raras, embora um pouco chocantes, algumas situações de penitência pública, sobretudo em situações de reincidência como o caso da feiticeira da Meadela, ou de uns homens que foram obrigados a pedir desculpa pública ao pároco por desacatos na igreja. Na maior parte dos casos tratava-se de “censuras morais” com a obrigação de apresentação ao pároco ou ao próprio Arcebispo. Muitos dos castigos não deixam de revelar um sentido de humor muito à Frei Bartolomeu, um estilo de ser pastor que, mais do que fustigar a ovelha perdida depois de a encontrar, a coloca jubilosamente aos ombros e a reconduz ao rebanho.⁴⁹

5. O “estilo de ser pároco” na perspectiva de Frei Bartolomeu dos Mártires

O “estilo de ser pastor” que viemos apresentando, a partir do exemplo de Frei Bartolomeu dos Mártires, incidia particularmente sobre a figura e acção do bispo, já que ele pensou e agiu de acordo com a sua missão pessoal de pastor; de qualquer forma, a partir da solicitude pastoral na preparação e formação dos párocos, podemos vislumbrar alguns elementos para definirmos um “estilo de ser pároco”. Não é por acaso que, no Proémio do *Catecismo*, ele exorta cada pároco a que “alumie um pouco o entendimento, e aquece a vontade” dos seus fiéis, numa clara alusão à sua própria divisa episcopal “*ardere et lucere*”. Em jeito de síntese, e já que a maioria dos presentes se encontra em contacto directo com o rebanho de Jesus, apresentaria agora algumas ideias. Da experiência colhida e das posições assumidas por Frei Bartolomeu na Arquidiocese de Braga e das suas intervenções no Concílio de Trento acerca do tema podemos concluir que os problemas que afectavam a paroquialidade nem eram tanto de ordem pastoral e muito menos teológica – o sentido do Sacramento da Ordem já então era visto na sua aproximação ao episcopado,⁵⁰ – mas sim de carácter administrativo, nomeadamente a discutível relação entre a paroquialidade e os respectivos benefícios;⁵¹ são estas as questões que Frei Bartolomeu pretende clarificar, antes de mais,

⁴⁸ FRANQUELIM NEIVA SOARES, “Aspectos...”, p. 174.

⁴⁹ “Aprendeí que deveis ser mães e não senhores dos vossos súbditos; procurai antes ser amados que temidos. Se, no entanto, tiverdes que usar de rigor, que seja paternalmente e não despoticamente. Mostrai-vos mães no carinho e pais na correcção. Tornai-vos mansos, bani qualquer laivo de selvajaria, acabai com os açoites, tomai atitudes maternas: que os vossos peitos estejam túrgidos de leite e não de arrogância” (FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, p. 182-183; ver ainda o Cap. IX da mesma obra: “Zelo pela justiça; coragem e grandeza de alma contra os pecados”, p. 285-302.

⁵⁰ Assunto já referido anteriormente a propósito da formação dos sacerdotes. “O presbítero participa da missão divina do bispo, e por isso, recaem sobre ele, analogicamente, os mesmos deveres e as mesmas exigências de reparação. Ao exame rigoroso comprovativo da competência dos bispos para o exercício da sua alta missão, sem consideração dos privilégios concedidos aos potentados temporais para edificarem e não para destruírem, corresponde o concurso livre dos presbíteros da diocese aos benefícios curados, sem respeito por influências nem acepção de pessoas” (FREI AUL DE ALMEIDA ROLO, *Formação e vida intelectual...*, p. 257.

⁵¹ in *Documenta Bartholomaeana Tridentina*, p. 67-81.

vindo, no final, a questão quase esquecida da cura de almas, que era, no fundo, a sua grande preocupação.

Não quer isto dizer que Frei Bartolomeu não fosse também sensível à situação económica dos párcos, nomeadamente aqueles que efectivamente viviam no meio do povo; preocupado com alguma dose de imoralidade que habitava lá pelas residências paroquiais embora nem tudo se assemelhasse ao caso extremo de Fontoura, “lutou contra as criadas de serviço nas residências paroquiais”, o que não diminuiu os seus esforços, tanto nas intervenções em Trento como nas reformas levadas a cabo na Diocese, a fim de que todos tivessem uma “casa condigna, passal com pomar e terra suficientes, que lhes permitissem condigna sustentação”.⁵²

Mas é a dimensão estritamente pastoral que nos propomos abordar aqui. Para o Arcebispo a principal missão e solicitude dos párcos é advertir que “estão postos em suas paróquias como especuladores e atalaias que estão velando e guardando para que Deus não seja ofendido nas suas freguesias. Evitar que se ofenda a Deus é o primeiro cuidado que se exige do verdadeiro pastor de almas. Mas a impossibilidade de o conseguir perfeitamente dá origem ao segundo aspecto da actividade do pároco: socorrer espiritualmente e trazer à vida da graça os infelizes pecadores”.⁵³ Depois de dizer, no Proémio do *Catecismo*, que escreveu este manual para que o pároco pudesse proporcionar aos seus fiéis “pasto de doutrina, de exemplo de vida e de oração”⁵⁴, ao tratar do Sacramento da Ordem escreve: “A vós, ordenados no sagrado sacerdócio, lembro que conheçais a alteza de vosso grau e ofício. Sois elevados acima do povo cristão, como mestres e capitães do exército de Cristo, médicos das almas, dispensadores dos mistérios de Deus, legados de Deus ao mundo, medianeiros entre Deus e povo, ministros da reconciliação dos homens com Deus, tesoureiros das riquezas celestiais, estrelas do mundo escuro, anjos de Deus, de cuja boca os outros hão-de requerer a ciência da salvação. Vós sois os espelhos em que os outros se hão-de ver”.⁵⁵ Facilmente descortinamos nestas palavras uma relação muito estrita entre o ofício do pároco e o do bispo pela utilização de expressões idênticas como “mestre e capitão”, “médico das almas”, etc. por isso mesmo, como assinala David Sampaio Barbosa, “o ideal que proporá para a paroquialidade e seus agentes deve ser lido concomitantemente com aquilo que propõe para o pastor-bispo. A leitura em paralelo ajuda-nos a compreender o que escreveu e propôs para os clérigos, logo após o concílio de Trento. O discurso que em Trento tivera sobre a matéria, e do qual Bartolomeu não se afastará, foi pioneiro quanto à formação humanista, teológica e espiritual dos candidatos ao sacerdócio”.⁵⁶

O que ele propôs em Trento foi fundamentalmente uma formação prática, orientada para o serviço pastoral: em primeiro lugar as disciplinas de gramática, canto,⁵⁷ cômputo eclesiástico, a que se acrescentaria formação em Sagrada Escritura e Teologia Moral com o

⁵² Cfr. DAVID SAMPAIO BARBOSA, “Arquétipo do pároco...” p. 74 e FREI RAÚL DE ALMEIDA ROLO, “Formação e distribuição do clero”. In *Lumen*, XVII (Nov. de 1963), fasc. XI, p. 792-793.

⁵³ “Alguns avisos para os Reitores e Curas”, in FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Catecismo*, p. 341.

⁵⁴ Uma referência também presente em *Estímulo de Pastores* p. 251.

⁵⁵ FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Catecismo*, p. 162.

⁵⁶ Cfr. DAVID SAMPAIO BARBOSA, “Arquétipo do pároco”, p. 66.

⁵⁷ Sobre o assunto da formação musical dos sacerdotes ver JORGE ALVES BARBOSA, “Voz de Deus e nada mais; Frei Bartolomeu dos Mártires e a música sacra”, in *Encontro Diocesano de Pastoral Litúrgica de Viana do Castelo*, 2015. (inédito).

auxílio de homilias, formas de administrar os sacramentos, nomeadamente a confissão.⁵⁸ O Arcebispo está consciente de que, o percurso formativo do pastor deverá ser marcado pela virtude e pelo ardor na salvação das almas, na medida em que “exercemos verdadeiramente o nosso múnus pastoral quando, pelo exemplo da nossa vida e pregação, ganhamos as almas dos nossos irmãos; quando confortamos os doentes no amor de Deus; quando abatemos o orgulho dos maus, ameaçando-os com os suplícios horríveis do inferno; quando não transigimos com ninguém contra a verdade; quando, finalmente, nos confiamos à amizade de Deus, sem temer as inimizades dos homens”.⁵⁹

6. Conclusão

Sabemos como o encontro com o pastorinho naquele chuvoso Inverno “ensinou” a Frei Bartolomeu a definir um “estilo de ser pastor”: o pastor é, antes de mais um vigilante, como haveria ele de referir numa das suas intervenções em Trento: “a palavra que os designa é formada por *επι* que quer dizer “sobre” e por *σχοπος*, olhar atentamente (intentio), sobre o rebanho do Senhor para que o possam levar às coisas do alto”.⁶⁰ Para o Arcebispo, tratou-se de uma aprendizagem lenta e contínua, que com alicerces numa formação cuidada ao nível teológico, condimentada por uma profunda experiência espiritual e até pela forma como entendia o ensino da teologia, sempre aliada a uma vida de contemplação e oração.⁶¹ Esta é, desde já, uma das grandes lições que Frei Bartolomeu nos deixa: não pode haver eficácia na acção pastoral sem uma consolidada formação teológica; não é possível proporcionar aos fiéis um adequado “pasto de doutrina” sem antes nos termos alimentado bem; a vivência da fé e da teologia será ainda o fundamento adequado para o exemplo que os pastores devem oferecer aos seus fiéis.⁶² Outro aspecto essencial do legado bartolomeano é a proximidade com as ovelhas, sem medo das adversidades ou das contrariedades, o que o levou não só a visitar assiduamente a Diocese, mas também lhe inspirou uma linguagem adequada na sua forma de pregar; o cuidado com cada pessoa humana levou-o a atitudes de um radicalismo que nos deixa estupefactos, como aquela de lançar a própria roupa da cama pela janela da cela do convento de Viana a fim de socorrer uma jovem pobre; a natural empatia com as dificuldades e tentações do clero diocesano, mesmo o mais renitente à mudança, haveria de ficar célebre no apelo dramático, embora não provado, que o celebrizaria – “saltem barrosani!...” – e a sua fidelidade ao Evangelho não o impediu

⁵⁸ Acerca da administração dos Sacramentos e em particular da Confissão, apresenta, no final do *Catecismo*, em “Alguns avisos gerais para Reitores e Curas” uma série de indicações práticas – a que chama “diligências” – para os confessores (*Catecismo*, p. 344-347).

⁵⁹ FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, p. 251

⁶⁰ *Ibidem*, p. 161.

⁶¹ Não deixa de ser curiosa a aproximação a palavras recentes do Papa Francisco quando ele diz que “Viver a nossa vida sacerdotal passando de um curso ao outro, de método em método, leva a tornar-se pelagianos, faz-nos minimizar o poder da graça, que se activa e cresce na medida em que, com fé, saímos para nos dar a nós mesmos oferecendo o Evangelho aos outros, para dar a pouca unção que temos àqueles que não têm nada de nada (...) Daqui deriva precisamente a insatisfação de alguns, que acabam por viver tristes, padres tristes, e transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades ou então de novidades”(PAPA FRANCISCO, *Homilia da Missa Crismal*, em 28 de Março de 2013).

⁶² “Ficai sabendo que a tranquilidade da vossa consciência depende do cumprimento de dois preceitos: pregação e exemplo. Mas, se quereis ser prudentes, juntai-lhe um terceiro: o amor da oração. E, assim, ficam estas três coisas: a *pregação*, o *exemplo* e a *oração*, mas a principal é a oração; pois, embora a pregação e as obras sejam virtudes necessárias, só a oração consegue graça e eficácia para as obras e para a pregação” (FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, p. 252).

de enfrentar as mais altas figuras da Igreja a quem exigiu uma “excelentíssima e eminentíssima reforma”. O seu conceito de justiça levá-lo-ia a mandar suspender até o pagamento dos salários aos funcionários da Diocese para socorrer os empestados de Braga. Pelas suas intervenções no Concílio de Trento podemos já reconhecer um bispo consciente das suas responsabilidades e da necessidade de uma reforma da igreja, através da aproximação da teologia, do direito e da liturgia ao sentir e à capacidade de compreensão do povo de Deus; no *Catecismo*, encontramos a mais curiosa defesa do vernáculo na liturgia: “se o povo não entende o que se diz, então para que se diz?”

Em muitas das suas posições podemos dizer que antecipou de quatrocentos anos, muita da doutrina do Concílio Vaticano II; aliás uma ideia disso mesmo se pode colher do esboço de paralelo que nos é oferecido pela edição do *Estímulo de Pastores*. Por isso, não será muito difícil vislumbrar neste “estilo” de Frei Bartolomeu algumas das “originalidades” recentemente exibidas pelo Papa Francisco, que certamente abordaremos mais logo,⁶³ nomeadamente quando escutamos do Pontífice que “os filhos espirituais que o Senhor dá a cada sacerdote, aqueles que baptizou, as famílias que abençoou e ajudou a caminhar, os doentes que apoia, os jovens com quem partilha a catequese e a formação, os pobres que socorre... todos eles são esta *Esposa* que o sacerdote se sente feliz em tratar como sua predilecta e única amada e ser-lhe fiel sem cessar.⁶⁴ Resumiríamos o seu perfil com as palavras sentidas de Frei Agostinho da Cruz aquando do seu funeral: “Este é aquele Bartolomeu, homem sapientíssimo, santo e austero a quem nem a aspereza das regiões transmontanas, nem rigores alguns de frio ou calor ou outra qualquer intempérie puderam deter o passo para cumprir por si próprio todos os deveres de um óptimo pastor e de iluminar vigilantissimamente a sua Diocese” – um pastor com “cheiro a ovelha”, para utilizarmos a curiosa expressão do Papa Francisco.

Num tempo marcado por algumas dificuldades na acção pastoral e quando a extensão da *seara* nos assusta um pouco, o Arcebispo de mil e quatrocentas paróquias deixa-nos uma palavra consoladora e animadora: “Poderás [um Bispo ou um pároco] dizer: farto-me de trabalhar e não vejo fruto. Recordo então as belas palavras que escreveu São Bernardo: ‘fazei o que está na vossa mão e é vosso dever, e Deus cuidará suficientemente do que lhe pertence sem preocupação e angústia da vossa parte. Plantai, regai, desvelai-vos e tereis cumprido a vossa obrigação’”.⁶⁵

Fátima, 1 de Setembro de 2015

Jorge Alves Barbosa

⁶³ Conferência do Prof. Adriano Moreira “Bartolomeu dos Mártires e o Papa Francisco, pastores de paixão” neste mesmo Simpósio do Clero, Fátima, 1 de Setembro de 2015.

⁶⁴ PAPA FRANCISCO, *Homilia da Missa Crismal*, em 17 de Abril de 2014.

⁶⁵ FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Estímulo de Pastores*, p. 251.